

Didática da ponte como refrigerio para o ensino pós-colonial: Camões e Pepetela nas salas de aula de Angola

Helder Silvestre Simbad André *

ORCID iD <https://orcid.org/0000-0000-0000-0000>

RESUMO

A Literatura, enquanto arte, é uma expressão cultural. O seu estudo não pode prescindir da dimensão antropológica que envolve os povos que a produzem e sobre os quais se refere. O objetivo deste trabalho é explicar o conto *Estranhos Pássaros de Asas Abertas*, de Pepetela, e o quinto canto de *Os Lusíadas*, de Luís Vaz de Camões, à luz dos conceitos de Intertextualidade e Literatura Comparada, que constituem a base da proposta didática que formulámos, a qual designamos por Didática da Ponte, visando dotar o estudante de um conhecimento mais abrangente em relação ao que eventualmente teria, se estivesse longe desta proposta teórico-metodológica. Trata-se de uma prática pedagógica usada por nós durante os anos em que trabalhámos como professor de Literatura Africana, no Instituto de Ciências Religiosas de Angola, de 2017 a 2019, e durante o ano letivo 2022/2023, como professor de Literatura Portuguesa, Teoria da Literatura e História da Língua Portuguesa na Universidade Jean Piaget.

PALAVRAS-CHAVE

Didática da ponte; Pepetela; Camões

Ulongelu wa mulonde kala utalalesu phala kulonga mu kithangana kiki: camões ni pepetela mu lwango lwa kulonga lwa ngola

KIPHOPHEJEU

Omusoso wa ubangelu ulondekesu wa ifwa. Ulongelu we utena kudituna unene wa udifanganu ubunda omundu waubanga ni yo wakumuzwe. Odisukinu okutongolwela o sabu ya Njila ya Madiwanu ya Mahaha Ajikuka ya Pepetela ni ya Sabu ya katanu ya Jiluziyada ya Luís Vaz ya Camões mu mweji wa itongolwelu mukaxi ka mikwnda ni musoso wa Ufanganesu wakala ongunji ya ulondekesu wa Ulongelu utwendulondekesa utwazwela "Ulongelu wa Mulonde", mukusakela mulongi unjimu wavulu ubeka Kota ni yo wejiya. Kyalungu ni ubangelu Ulongelu utwota walungu ni mivo itwakalakala kala twalongexi a Musoso wa Afidika mu Xikola ya Ulongelu wa Unzambi wa Ngola mu mivo ya 2017/ 2019 ni mukaxi ka mivo ya 2022/2023, kala mulongexi wa Musoso wa Phutu, Teoliya ya Musoso ni musoso wa Dizwi dya Phutu wa Xikola ya ditala dya Matunda ya Jean Piaget.

MABA ANGUNJI

Ulongelu wa Mulonde; Pepetela; Camões

Introdução

Ao longo desses anos de estudos e investigação, sobretudo enquanto professor de Literatura Africana, no Instituto de Ciências Religiosas de Angola, e Literatura Portuguesa e História da Língua Portuguesa, na Universidade Jean Piaget, percebemos que o signo

* Mestre em Ensino das Literaturas em Língua Portuguesa pelo ISCED e Licenciado em Línguas e Administração pela Universidade Católica de Angola. É professor de Teoria da Literatura, Literatura Portuguesa e História da Universidade Jean Piaget. É o ideólogo do Movimento Litteragris, representa Angola no corpus de jurado da UCCLA há três edições. Foi júri do concurso Um *bouquet* de Rosas para ti, realizado pelo Memorial Dr. Agostinho Neto. E-mail: hssandre32@gmail.com

ideológico, instaurador de atitudes preconceituosas, condicionava a aprendizagem de muitos estudantes. Por conseguinte, com a finalidade de fazer com que os alunos compreendessem os vários papéis da literatura, desenvolvemos, a partir do conceito de intertextualidade, buscando bases na Literatura comparada, uma teoria a qual designamos por **Didática da Ponte**.

Trata-se de uma proposta pedagógica aplicável ao Ensino Superior e ao Ensino Médio. Importante para o professor que a adoptar porque o estabelecerá num estado de leitura permanente que o levará à pesquisa intercultural e transversal, com o objetivo de apresentar aos estudantes conteúdos literários de diferentes países e, como os autores objetivam ideias em suas obras que podem ser analisadas, no âmbito da transversalidade, por conceitos de outros campos categoriais que se relacionem com o texto eleito, tal proposta pedagógica poderá impactar positivamente a vida académica dos estudantes, convocando-os para a necessidade da ampliação da sua cultura geral, de aprofundar o conhecimento em relação à literatura do seu país, procurando saber com que autor estrangeiro determinada obra dialoga, evitando assim preconceitos que só impedem o seu progresso científico e humano.

Em virtude disso, sugerir posicionamentos didáticos que podem ser utilizados por professores de Introdução aos Estudos Literários, Teoria da Literatura e Crítica Literária, Análise e Crítica Literárias, sobretudo aos professores de Literatura Angolana, Literatura Portuguesa, Literatura Brasileira, Literatura Moçambicana (e outras Literaturas nacionais) constitui o nosso principal propósito. A nossa pesquisa é qualitativa, mas deriva das observações que fomos efetuando por via da pesquisa-ação, motivada, em primeira instância, pelo que vivemos enquanto estudante que já exercitava a Crítica Literária, ao longo da licenciatura e do mestrado, discordando de algumas metodologias de ensino, notando insuficiências que, em muitos casos, partiam da configuração dos manuais e dos programas curriculares; e, em segundo lugar, pelo comportamento dos estudantes consubstanciado na aversão a disciplinas como Língua Portuguesa e as disciplinas ligadas às literaturas estrangeiras.

1. Didática da Ponte

Didática da Ponte é um conceito desenvolvido por nós inicialmente no âmbito das leituras às teorias pós-coloniais e sugere formas de estar equilibradas em relação ao ensino das literaturas estrangeiras e de disciplinas como História da Língua Portuguesa, Fonética e Fonologia do Português, entre outras disciplinas, sobretudo aquelas afetas às

Ciências Humanas, visando evitar preconceitos que levam a atitudes radicais de fragmentação ou complexos de inferioridade. O conceito nasce de uma proposta Didática publicada por nós em Maio de 2021 no Jornal de Angola sob título “Como e por quê ensinar Literatura Portuguesa?” Neste artigo, afirmámos que a proposta visava a criação de uma ruptura epistemológica em matéria de ensino.

Entretanto, ao desenvolvermos a nossa pesquisa relacionada com as figurações do insólito nas narrativas de ficção angolana fomos adquirindo outros conhecimentos que nos obrigaram a rever o nosso olhar que, de certa forma, pode ter sido compreendido como preconceituoso. Em virtude disso, é preciso advertir que ruptura não significa niilismo do conhecimento teórico passado pelo ocidente nem a exclusão de obras de autores estrangeiros. Didáctica da Ponte procura, por um lado, valorizar as literaturas nacionais e, por outro, acabar com o preconceito em relação às literaturas estrangeiras, sobretudo entre países que mantêm uma relação histórica assente em conflitos, como por exemplo Angola e Portugal.

Como já referimos em tal publicação, vivemos num contexto em que, ideologicamente, várias correntes de pensamento andam em voga. O nosso panafricanismo tardio e saudosista, cujos principais espaços de exposição de pensamentos são as redes sociais e tertúlias presenciais na Universidade Óscar Ribas, entre outros lugares, tem-se configurado como obstáculo para o processo de assimilação de certos conteúdos científicos produzidos pelo mundo ocidental. Durante a nossa atividade de docência de três anos como professor de Literatura no Instituto de Ciências Religiosas de Angola (ICRA), nas 11^a e 12^a classes do Ensino Médio; de um ano como professor de Literatura Portuguesa e História da Língua Portuguesa, nos 1^o e 3^o anos, do curso de Língua e Comunicação da Universidade Metodista, sobretudo no Ensino Superior, deparámo-nos com estudantes com posições extremas, orientados ideologicamente por princípios pan-africanistas que consideramos deturpados, na medida em que estes, à revelia, negavam-se a interiorizar inicialmente conteúdos considerados por si como nefastos, como extensão criminosa do processo colonial.

Os estudantes, nas primeiras aulas, questionavam-nos: “Literatura Portuguesa para quê? Por que é que na História da Língua Portuguesa falamos mais de Portugal?” A estas questões poderíamos acrescentar perguntas do tipo “O que esta fonética tem a ver conosco se se parece mais com a portuguesa?” É preciso realçar que estas perguntas estão na base, por exemplo, sobretudo a nível do ensino secundário, período de muita rebeldia face ao estatuto etário dos discentes, de muitos estudantes declararem o seu

desamor em relação à disciplina de Língua Portuguesa, mesmo quando não falam uma outra língua nacional. Isto ocorre, como referimos em “Como e por quê ensinar Literatura Portuguesa?”, porque a maior parte dos professores se quedam nas duas primeiras dimensões de Paulo Freire “A” para “B” ou de “A” sobre “B” em que o professor ensina para o aluno sobre coisas com as quais ele julga não se relacionar. O problema que se coloca aqui é de ordem existencial. Todas essas disciplinas devem concorrer para explicação ou para a resolução de problemas que inquietam os estudantes e com eles se relacionam na vida prática.

É exatamente neste contexto de renúncia por parte de alguns estudantes que fomos pensando numa forma de ministrar as nossas aulas sem que estes fossem deixados de parte. É importante realçar que essa questão ideológica era real por parte de alguns estudantes e desculpas para outros pouco interessados em aprender. Depois de algumas experiências percebemos que, embora a ciência seja considerada como um predicado universal, o seu ensino deve respeitar a constituição antropológica dos indivíduos bem como a configuração social e económica da sociedade, pois, como observa Freire (1987, p.58), “a educação autêntica não se faz de ‘A’ para ‘B’ ou de ‘A’ sobre ‘B’, mas de ‘A’ com ‘B’.” Portanto, é possível ajustarmo-nos aos anseios dos estudantes para um melhor ensino. Essa educação libertadora, a que todos deveriam perseguir, não começa como observa Freire (1987) quando o educador-educando se encontra com os educandos-educadores em uma situação pedagógica, “mas antes, quando aquele se pergunta em torno do que vai dialogar com estes. Esta inquietação em torno do conteúdo do diálogo é a inquietação em torno do conteúdo programático da educação” (p. 57). O nosso maior problema é que, muitas vezes, os programas são forjados por indivíduos com uma concepção diferente daquilo que postulamos aqui. É sobretudo nestes casos que o professor se deve pautar pela Didática da Ponte, usufruindo de um direito discricionário que lhe é imanente.

Parte-se do princípio segundo o qual nós não somos sem os outros. Tudo no universo se dá como um ato de consequência (*simploke*). Hoje, por mais angustiante que isto soe para alguns, não é possível explicar Angola sem mencionar Portugal. A Didática da Ponte nasce nessa perspectiva de aceitar e reconhecer os eventos históricos, admitir a convivência sadia a partir de um ensino congregador, mas, como já referimos, visando, antes demais, a valorização territorial e cultural do lugar em que se fala.

Por via da Didática da Ponte, justificamos o ensino da História da Língua Portuguesa para que se compreenda a evolução de uma língua que, fruto das políticas

exoglóticas adoptadas pelo Estado angolano após a independência, se tornou igualmente nossa. Portanto, é imperioso estudá-la, saber como ela entra em Angola, em que período da história dessa língua, atendendo às principais propostas de periodização e como ela evoluiu dentro do território nacional, ajudando a enriquecer ou a empobrecer as línguas nativas. Por conseguinte, em relação ao ensino da Literatura Portuguesa sugere-se que “quem ensina Literatura Portuguesa tem de ter obrigatoriamente bases sólidas em Literatura Angolana, pois a Didática da Ponte busca os seus princípios orientadores na Literatura Comparada.” (Simbad, 2021, s.p.). Antes de conceituar a Literatura Comparada, é preciso advertir que o princípio teórico fundamental da Didática da Ponte é a noção de intertextualidade de Kristeva (1974) para quem “todo texto se constrói como mosaico de citações, todo texto é absorção e transformação de um outro texto” (p. 13). Falando de intertextualidade, Culler (1999, p. 40) afirma que “Teóricos recentes argumentaram que as obras são feitas a partir de outras obras: tornadas possíveis pelas obras anteriores que elas retomam, repetem, contestam, transformam”.

Quando autores como Platão e Aristóteles, entre outros autores gregos, compreendiam a arte como *mimesis*, imitação, estavam a criar bases teóricas para compreensão de um fenómeno que seria designado milénios depois, na década de 60 do século passado, por intertextualidade. A autoria é atribuída à Júlia Kristeva (1974) e, de acordo com Aguiar e Silva (1986), esta autora retoma a perspectiva bachtiniana de dialogismo textual. Em Bakhtin, a noção de intertextualidade está intrinsecamente relacionada com as relações dialógicas que consistem basicamente em pensar o processo de evolução de determinada sociedade como um texto ao qual o artífice da palavra recorre para tornar verossímil a sua arte, muitas vezes confundido o leitor com factos fictícios que parecem reais. Por esse motivo, consideramos os filósofos gregos como percussores do estudo deste fenómeno, afigurando-se, assim, a intertextualidade, como algo intrínseco à arte, ou seja, como algo dependente da sua ontologia.

Essa posição de Bakhtin verifica-se também em Kristeva quando define a intertextualidade como “o índice do modo como um texto lê a história e inscreve-se nela” (Kristeva, 1968, como citado em Zilberman, 2012, p. 101). “O texto literário insere-se no conjunto de textos: ele é uma escrita-réplica (função ou negação) de uma outra (ou de outros textos). Por sua maneira de escrever, lendo o *corpus* literário anterior ou sincrónico, o autor vive na história, e a sociedade inscreve-se no texto” (Kristeva, 1969, como citado em Zilberman, 2012, p. 181). A intertextualidade, segundo Silva (1983, p.625), define-se “como interacção semiótica de um texto com outro (s) texto (s), definir-

se-á intertexto como o texto ou *corpus* de textos com os quais um determinado texto mantém aquele tipo de interacção”. No caso, *Os Lusíadas* será o intertexto de *Estranhos Pássaros de Asas Abertas* e, em virtude disso, ambas constituem o *corpus* de análise do nosso trabalho, pois, não se explica *Estranhos Pássaros de Asas Abertas*, de Pepetela, sem que se leia *Os Lusíadas*, de Camões. Por consequência, a intertextualidade e a Literatura Comparada serão então inequivocamente os pilares da nossa proposta pedagógica, a Didática da Ponte, cujo lema passa a ser “para um ensino descomplexado e congregador”¹. Descomplexado porque a literatura angolana será a hegemónica dentro do nosso contexto; e congregador, porque as literaturas estrangeiras continuarão a ser ensinadas através de uma perspectiva comparativa.

Por conseguinte, o ensino, por via desta teoria, concretizar-se-á através do estabelecimento de uma teia de relações dialógicas entre autores angolanos e estrangeiros, ampliando significativamente a cultura geral dos estudantes. Ao ensinarmos a poesia do angolano João Maimona, por exemplo, relacionamos com a poesia do francês Charles Baudelaire porque há, metonimicamente falando, um espectro deste naquele; a poesia erótica de José Luís Mendonça com a poesia erótica de Pablo Neruda; a poesia libertária de Agostinho Neto com a de José Craverinha e a de outros nacionalistas estrangeiros; a prosa de Luandino Vieira com a de Mia Couto e a de Guimarães Rosa, etc. Um ensino a partir desta teoria seria por demais vantajoso para o estudante. Guyard (1951, como citado em Simbad, 2021, s.p.) entende por literatura comparada, “a história das relações literárias internacionais e sugere que o comparatista se encontre nas fronteiras, linguísticas ou nacionais, e acompanha as mudanças de temas, de ideias, de livros ou de sentimentos entre duas ou mais literaturas”.

Portanto, ensina-se Literatura Portuguesa para que o estudante construa uma cultura geral sólida e para que compreenda melhor a Literatura Angolana, por sua relação histórica e este ensino deve orientar-se didaticamente por um ensino de *ponte*. Entretanto, é preciso advertir que a hegemonia a que nos referimos em relação à posição da literatura angolana não implica, por exemplo, a inclusão explícita de autores angolanos em conteúdos programáticos de Literaturas Estrangeira (portuguesa, brasileira, inglesa, etc.). Além disso, convém referir também que não se pode esforçar relações se o professor não identificar diálogos entre os autores. Acreditamos que o parágrafo acima se esclarece quando se conceitua ponte como,

¹No Jornal de Angola aparece como lema “para um ensino descolonizado”. Entretanto, achamos por bem reformulá-lo.

uma construção que permite interligar ao mesmo nível pontos não acessíveis separados por rios, vales ou outros obstáculos naturais ou artificiais. O sintagma “interligar ao mesmo nível” pressupõe equidade, mas a ideia de equidade não pressupõe que no ensino de uma disciplina como Literatura Portuguesa, a perspectiva comparativista faça com que os dois conteúdos sejam administrados na mesma proporção. O conteúdo dominante será indubitavelmente a Literatura Portuguesa, cuja explicação deverá culminar num conteúdo que ajude o estudante angolano a compreender a Literatura Angolana ou fenómenos universais. Para lograr êxito, o programa terá de ser também de ponte. (Simbad, 2021, s.p.).

Por fim, tomando como exemplo o ensino da Literatura Portuguesa a estudantes angolanos, um programa curricular que obedeça à Didática da Ponte segue mais ou menos o seguinte princípio: a) Literatura Medieval, Poesia Trovadoresca e Palaciana remete para Literatura Tradicional Angolana; b) De forma concisa e pragmática, ensina-se Literatura Portuguesa na Idade Média, Classicismo, Maneirismo, Barroco, Arcádia, procurando sempre elementos que ajudem o estudante a compreender o homem como ser universal; c) Do romantismo em diante, com raras exceções, é possível fazer ponte com a literatura angolana.

Contudo, é preciso ter na devida conta que esses “ismos” não desembarcam conceptualmente no espaço de criação angolano como movimentos literários, e sim como manifestações literárias em textos de alguns autores. Não existe um romantismo, realismo, naturalismo, surrealismo angolanos, e sim manifestações dessas correntes em alguns textos de autores angolanos, não de forma plena, porque cada um desses autores acrescentou elementos locais.

Ensina-se Literatura Portuguesa pela mesma importância com que se deve ensinar Literatura Brasileira, Literatura Moçambicana, Literatura Cabo-verdiana, Americana, Francesa, Alemã, entre outras literaturas. Sobre a importância da Literatura, Barthes (2007, como citado em Simbad, 2021, s.p) assevera que “se todas as nossas disciplinas devessem ser expulsas do ensino, exceto uma, é a disciplina literária que devia ser salva, pois todas as ciências estão presentes no monumento literário”. Visto deste modo, conseguimos compreender até mesmo o inconsciente desses povos os quais estudamos por via da literatura. Ensina-se Literatura Portuguesa porque a partir dela podemos compreender muito da Literatura Angolana escrita. Historicamente, Portugal está no centro da génese de Angola enquanto nação e a Literatura Angolana Escrita, desde os primórdios, foi essencialmente forjada ideologicamente em oposição ao seu domínio. Em suma, a Didática da Ponte sugere um posicionamento de policiamento ao professor,

consubstanciado no exame constante do conhecimento a ser ministrado, respeitando a dimensão antropológica do estudante.

2.Estranhos Pássaros de Asas Abertas(1), de Pepetela, e Os Lusíadas, de Camões

Estranhos pássaros de asas abertas, segundo nos informou Pepetela (entrevista, 5/7/2022), é um conto escrito a propósito de um convite para edição especial de *Os Lusíadas*. Foi publicado inicialmente “em 2003 no Jornal Expresso de Lisboa, e, depois, na obra *Contos de Morte*, em 2008, e posteriormente em outras antologias.

Foi escrito para a edição especial de “Os Lusíadas” publicada pelo “Expresso” de Portugal em 2003. Esse poema de Camões tem dez Cantos. Convidaram dez escritores a escreverem uma prosa relacionada com um dos Cantos. Eu escolhi o Canto V, que trata de um desembarque em África. Saiu esse conto que depois foi retomado nos “Contos de Morte” e em várias antologias. (Pepetela, entrevista, 5/7/2022).

O conto terá inspirado o título da antologia de contos angolanos publicada conjuntamente pela União dos Escritores Angolanos e O Centro de Estudos Comparatistas – Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, A.23 Edições, em 2016, com o título *Pássaros de Asas Abertas*. Trata-se de um conjunto de textos seleccionados por Margarida Gil dos Reis e por António Quino. A edição portuguesa do conto traz um subtítulo (“Introdução ao Canto V de Os Lusíadas”), facto que não se evidencia na edição da UEA. Segundo o professor A. Quino (conversa telefónica, 05/06/2022, 19:44), um dos responsáveis da recolha dos contos para a antologia, o próprio autor terá encaminhado o texto sem, no entanto, apresentar um subtítulo. O subtítulo pode ser justificado como uma forma manifesta de se explicitar ao leitor português a intertextualidade intencional entre o conto de Pepetela e a mais celebrada obra do povo lusitano, *Os Lusíadas*, de Luís Vaz de Camões.

Segundo Pepetela, a “intenção era a de pôr as crenças e tradições europeias, tão presentes nos “Lusíadas”, por influência de Homero e Virgílio, em relação com crenças ou culturas de raiz africana numa estória tirada do livro de Camões, aí aparecendo como um facto real.” (Pepetela, entrevista, 5/7/2022). É preciso realçar que, mais do que um mero fenómeno de intertextualidade, as obras de Pepetela e Camões inserem-se num diálogo de proporção histórica, cultural e política, que impacta a vida de dois povos cujos laços permanecerão inquebráveis pelos elos historicamente estabelecidos. Embora existam

vários tipos de intertextualidade, geralmente os autores optam por dois processos de recriação, ou reafirmando a ideia do texto citado ou contestando-o.

Em termos teórico-literários, Samoyault (2008, p.48) estabelece que a partir de “Palimpsestes de Gérard Genette, adquiriu-se o hábito de se distinguir entre dois tipos de práticas intertextuais”. As primeiras, espaço de criação em que a relação entre Pepetela e Camões não se dá do ponto de vista teórico, inscrevem uma relação de co-presença (A está presente no texto B), considerando-se intertextualidade procedimentos como citação, alusão, plágio e referência; e as segundas dão-se por via de derivação em que A é retomado e transformado em B, referindo-se, para esses casos, Genette, ao fenómeno de hipertextualidade. São exemplos desse fenómeno a paródia (transformação) e *pastiche* (imitação).

Segundo Samoyault (2008, p.53), “a paródia transforma uma obra precedente, seja para caricaturá-la, seja para reutilizá-la, transportando-a. Mas qualquer que seja a transformação ou deformação, ela exhibe sempre um liame directo da literatura existente”. É exactamente esta o tipo de relação que se estabelece entre *Os Lusíadas* de Luís Vaz, de Camões, e *Estranhos Pássaros de Asas Abertas*, de Pepetela. Os pontos de intercepção entre as duas obras se inscrevem numa relação de contrariedade, reescrita. Camões, por exemplo, apresenta Adamastor como vítima de uma circunstância cujas ações cometidas por si são justificáveis pelo contexto; Pepetela apresenta-o como perturbador da ordem natural de uma comunidade que se vê obrigada a defender-se dele por tentativa de estupro a uma mulher local. Entretanto, para melhor compreensão, convém apresentar os pontos de intercepção, lembrando que o diálogo se estabelece entre *Estranhos Pássaros de Asas Abertas*, sobretudo, com o quinto canto da obra *Os Lusíadas*.

Tratando-se de um encontro, o ponto de partida deverá ser a partir daquele que se deslocou e será explicado, portanto, a partir de *Os Lusíadas*. O Quinto Canto descreve a longa viagem protagonizada pela armada portuguesa pela costa africana, onde ocorre um episódio marcante com um povo nativo – que Pepetela estima ser angolano, por sua resposta a Camões – não ainda convertido à sua fé cristã. O povo, segundo a generalidade dos resenhistas portugueses de *Os Lusíadas*, está localizado em Santa Helena, região de Angola, e o Quinto Canto de *Os Lusíadas* é a descrição da viagem da armada portuguesa, de Lisboa a Melinde, relatada por Vasco da Gama. Na primeira estrofe descrevem-se factos relacionados com processo inicial da partida de Lisboa:

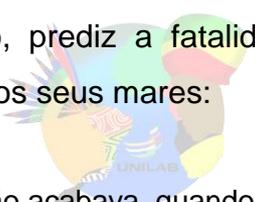
As asas ao sereno e sossegado

Vento, e do porto amado nos partimos.
E, como é já no mar costume usado,
A vela desfraldando, o céu ferimos,
Dizendo: - «Boa viagem! »; logo o vento
Nos troncos fez o usado movimento
(Camões, s.d., p.85)

As asas descritas metaforicamente por Camões e conseqüentemente toda a sua armada surgem numa das revelações do oculista nativo, Manikava, de *Estranhos Pássaros de Asas Abertas*, de Pepetela.

E Manikava tinha contado, num sonho ele viu mesmo, iam chegar grandes pássaros de asas brancas e dentro deles saia gente estranha, como filhiformigas brotando de ave morta. Contou no chefe, depois contou no povo reunido na praça da aldeia. O chefe perguntou, isso é um bom sinal dos antepassados? Manikava disse não sabia, mas o peito estava apertado, coração a bater com força. Talvez os antepassados estavam a mandar aviso, cuidado, muito cuidado. (Pepetela, 2016, p.161).

Em Camões a premeditação dos acontecimentos é atribuída, através de procedimentos narrativos como prolepse, a seres mitológicos, representado pelo gigante Adamastor que, como um oráculo, prediz a fatalidade que acometerá a alguns dos navegadores que ousam passar pelos seus mares:



«Não acabava, quando uma figura
Se nos mostra no ar, robusta e válida,
De disforme e grandíssima estatura;
(...)

«E disse: - «Ó gente ousada, mais que quantas
No mundo cometeram grandes cousas,
Tu, que por guerras cruas, tais e tantas,
E por trabalhos vãos nunca repousas,
Pois os vedados términos quebrantas
E navegar meus longos mares ousas,
Que eu tanto tempo há já que guardo e tenho,
Nunca arados d'estranho ou próprio lenho;

(...)
«Sabe que quantas naus esta viagem
Que tu fazes, fizerem, de atrevidas,
Inimiga terão esta paragem,
Com ventos e tormentas desmedidas;
E da primeira armada que passagem
Fizer por estas ondas insofridas,
Eu farei de improvisado tal castigo
Que seja mor o dano que o perigo!
(Camões, s.d., pp. 92-93)

Camões e Pepetela nesses excertos procuram explicar a mentalidade dos povos daquela época. Diferentes nos meios e culturalmente, mas ambos se movendo dentro de uma mentalidade fantasmagórica, atuando exclusivamente no segundo nível de materialidade (M2), que compreende a literatura como discurso em que se objetivam material e formalmente conteúdos psicológicos e fenomenológicos. Nestas obras, as ações que transcendem a compreensão das personagens são imputadas a entidades sobrenaturais. Do lado europeu, representado por Camões, está o maravilho impregnado de mito; do lado africano, representado por Pepetela, está o animismo ou vitalismo. É preciso esclarecer que Camões se move dentro da mentalidade renascentista. Como se sabe, um dos propósitos do renascimento era a assimilação da tradição greco-romana. Os mitos presentes em *Os Lusíadas* são sobretudo de matriz grega e aparecem para explicar o medo pelo desconhecido, os perigos marinhos. Assim sendo, o mito, no âmbito do materialismo filosófico, será visto apenas como um procedimento técnico-compositivo para a explicitação desses medos.

Em Pepetela a capacidade de premeditação dos acontecimentos está em um homem, Manikava, acima referido como oculista, que se comunica com os espíritos através do sonho. Por um lado, temos Camões, em *Os Lusíadas*, a cantar extensivamente a grandeza da alma portuguesa, bem como os feitos dos reis e das navegações intercontinentais; por outro, Pepetela, que revisita a história mais do que explícita em *Os Lusíadas* para estabelecer um diálogo crítico por via do qual se ouvem as vozes anuladas e se expõem as atrocidades cometidas pelo aparato colonial, contrariando os feitos épicos em ação e ética descritos por Camões. Pepetela, ao estar imbuído dessa atitude crítica de revisitação da história, move-se dentro da mentalidade do Materialismo Histórico. Tustel de Coulanges (como citado em Benjamin 1994, p.225) “recomenda ao historiador interessado em ressuscitar uma época que esqueça tudo o que sabe sobre as fases posteriores”.

Como sabemos, ao longo desses anos todos, a atitude pós-colonial do colonizador, ao ler o presente fracassado de muitos países africanos por força das suas lideranças, resume-se no processo de eufeminização da história, que procura construir a imagem de uma colonização necessária, que não foi tão má assim. Contudo, esse discurso cai por terra quando Benjamin (1994) apresenta o materialista histórico como um sujeito “que vê em todos os bens culturais uma origem sobre a qual ele não consegue refletir sem horror” e, acrescentando, denuncia que “nunca houve um monumento de cultura que não fosse também um monumento da barbárie. E, assim como a cultura não é isenta de barbárie,

não o é, tampouco, o processo de transmissão da cultura. Por isso, na medida do possível, o materialista histórico se desvia dela.” (p.225). Sobre a questão da violência, Pepetela acrescenta que

aquilo que na historiografia europeia e colonial aparece como o primeiro contacto entre portugueses e africanos (o começo do colonialismo) já nos mostra que esses contactos seriam baseados na falta de respeito dos que os receberam, no abuso da força e do engano por parte dos visitantes, na exploração desenfreada, e por isso provocariam uma resposta violenta. (Pepetela, entrevista, 5/7/2022)

Resumidamente, *Estranhos Pássaros de Asas Abertas*, que é o nosso objeto de estudo, é sobre o choque accidental entre uma embarcação portuguesa que pretendia chegar à Índia por via marítima com um povo que habitava uma das costas de África.

Se Samutu percebesse a língua dos espíritos, teria entendido o que o chefe de barbas e que lhe mostrava as pedras brilhantes queria, saber se aqueles metais preciosos, ouro, prata, existiam ali, e saber também se ele conhecia especiarias do Oriente. Mas não entendeu também a fala final, deixem-no ir, este não sabe qual é o caminho para a Índia, nem se estamos perto ou longe de o achar. (Pepetela, 2016, p. 162).

Este evento pode remeter historicamente para o período dos encontros, o qual o ocidente designa por “Descobrimientos”, concretamente no século XV, por volta do ano de 1482, por analogia à primeira embarcação que oficialmente chegou em Angola, na foz do rio Zaire. Não reportamos o evento à embarcação de Diogo Cão porque a história relata um primeiro encontro pacífico com a embarcação que encabeçara.

A cultura contemporânea é mestiça fruto dos encontros históricos que se sucederam no passado e da atual aldeia global. Voltando ao diálogo travado entre os dois autores, a armada portuguesa, demonstrando ainda alguma falta de conhecimento em relação ao território que viria a se tornar a pátria de Pepetela, atracada, Vasco da Gama e companheiros deparam-se com um nativo:

«Achamos ter de todo já passado
Do Semicapro Peixe a grande meta,
Estando entre ele e o círculo gelado
Austral, parte do mundo mais secreta.
Eis, de meus companheiros rodeado,
Vejo um estranho vir, de pele preta,
Que tomaram per força, enquanto apanha
De mel os doces favos na montanha.
(Camões, s.d., p.90)

Tal estranho, em resposta de Pepetela, é Samutu que, não esperando nenhuma perturbação à ordem, continuava no exercício das suas atividades diárias, quando foi surpreendido por três homens da armada portuguesa:

Sem cuidado estava Samutu, todo entretido a retirar um bom favo de um pau já seco. Três seres estranhos se apoderaram dele, lhe agarraram pelos braços e lhe arrastaram para a praia. Um grande medo entrou no peito de Samutu, com o cheiro pestilento deles e o seu aspecto desganhado de bandidos. Tremia todo e falava, me deixem, me deixem, só podiam ser espíritos injustiçados vindo se vingar. Ele não tinha feito mal nenhum, homem pacífico, como vinham agora lhe punir? Mas os seres estranhos falavam entre si com gritos e puxavam por ele, os gritos eram numa língua desconhecida. (Pepetela,2016, p.161).

A chegada da armada portuguesa não surpreendeu, entretanto, Namutu, a esposa de Samutu com quem tem um filho, Luimbi. Esta, observando a armada portuguesa que muito se parecia com o sonho de Manikava, correu para procurar o esposo e o filho; não os tendo encontrado, correu para aldeia:



Namutu Viu Os Grandes Pássaros de asas abertas passarem o cabo que abrigava a baía. Como no sonho de Manikava, o sábio, que via o futuro nas labaredas do fogo e nos intestinos do cabrito. (...) E conseguia ter outros filhos depois da doença, Manikava lhe dissera ao consultar os búzios. Procurou nas pequenas matas do mel, depois voltou à aldeia, saber se Samutu já tinha voltado com Luimbi. (Pepetela,2016, p.161)

Em princípio, a relação entre os povos foi pacífica, marcada em reciprocidade, trocas de sorrisos e presentes à beira mar.

Vendo as coisas trazidas por Samutu, os outros queriam ir ter com os espíritos, mas a noite caía e a prudência aconselhava distância. Com o escuro da noite, os cazumbis se transformam, ganham ferocidade, e embora não lhe tivessem feito mal, podiam mudar de atitude, agitados pelos medos nocturnos. Voltaram para o kimbo, as mulheres querendo todas usar o barrete vermelho de Samutu e correndo umas atrás das outras, em grandes risadas. Foi uma noite alegre, pois muito raramente se é visitado por espíritos aparentemente benignos. (Pepetela,2016, p.162)

O único indiferente a toda aquela manifestação de alegria era Manikava, o oculista, que já conhecia o fatídico desfecho de tudo:

Só Manikava se mantinha afastado do rebuliço, a fronte enrugada, cismando os seus mambos de adivinho. Tentaria Manikava descobrir quais as intenções de Nzambi, Suku, Kalunga, ou qualquer outro deus, ao lhes mandar seres tão estranhos como os descritos por Samutu? No dia seguinte, ainda o sol começava a lamber as suaves curvas das colinas sem árvores, já um grupo numeroso tinha avançado para a baía, levando mel, carne seca e cerveja de massango. (Pepetela,2016, p.162).

O ponto mais alto deste encontro entre povos acontece quando um dos navegadores, Veloso para os seus compatriotas e Velôje para os nativos, sentindo-se provocado, decidiu seguir a população nativa com o intuito de se relacionar sexualmente com uma nativa.

mostram, que fazem que se atreva
Fernão Veloso a ir ver da terra o trato
E partir-se com eles pelo mato

«É Veloso no braço confiado
E, de arrogante, crê que vai seguro;
(Camões, s.d., p.91)

Um dia a vi, comas filhas de Nereu,
Sair nua na praia e logo presa
A vontade senti de tal maneira
Que inda não sinto cousa que mais queira
(Camões, s.d., p.95)

Vénus viu o grupo se afastando da praia e voou para ele, por curiosidade ou malandrice, roçando inadvertidamente em Veloso um gesto de saudação. (...) O espírito Velôje, de repente, mudou de atitude. Se abraçou à mulher que caminhava a seu lado, tentou abraçar a da frente. Os da terra riram, esse cazumbi é malandro, parece gosta de mulher. (Pepetela,2016, p.163).

Este encontro entre os dois indivíduos que provocam a perturbação da ordem, o navegador e a nativa, é descrito quer por Camões quer por Pepetela através da Mitologia Grega. Em Camões e em Pepetela a recorrência ao mito surge, provavelmente, como subterfúgio para amenização de uma realidade bruta.

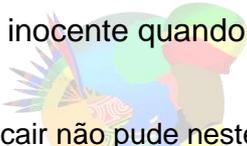
Chamei-me Adamastor, e fui na guerra
Contra o que vibra os raios de Vulcano;
Não que pusesse serra sobre serra,
Mas, conquistando as ondas do Oceano,
Fui capitão do mar, por onde andava
A armada de Netuno, que eu buscava
(Camões, s.d., p. 95)

Entre as nuvens, o colosso Adamastor avistou Tétis esvoaçando por cima das águas da baía, sozinha, nua como deve voar uma ninfa que sabe ser desejada. Mergulhou para ela, se não o queria a bem seria a mal, uma ninfa não pode resistir eternamente a um colosso. Mas Neptuno viu, lá do fundo dos mares. E mandou ondas de três rebentações prevenirem Tétis. Ela percebeu o aviso e mergulhou mesmo a tempo de escapar às garras cegas de paixão que o colosso para ela estendia. (Pepetela, 2016, p.163).

Coincidentemente, no momento do conflito, houve uma alteração climática que desembocou em maré alta com presença de fortes ondas. Esta ocorrência foi vista pelos nativos como uma resposta de Kianda auxiliada por Zambi aos abusos dos estrangeiros:

Eram tais as turbulências na água, tal agitação sem causa aparente, com os pássaros de asas brancas a baloiçarem por cima de ondas que não chegavam à praia, voltando estranhamente para trás, que os da terra disseram entre si, Kianda está com fúria, regressemos para o kimbo. (Pepetela,2016, p.163).

Estar durante muito tempo no mar, longe da terra, pode enlouquecer. Na verdade, o encontro acaba terminado mal pelo descontrolo de Veloso face a uma atitude provocativa de uma nativa em idade inocente quando prestes a embarcarem:



Eu, que cair não pude neste engano
(Que é grande dos amantes a cegueira),
Encheram-me, com grandes abundancias,
O peito de desejos e esperanças.

«Já néscio, já da guerra desistindo,
uma noite, de Dóris prometida,
(Camões, s.d., p.95)

Vénus viu o grupo se afastando da praia e voou para ele, por curiosidade ou malandrice, roçando inadvertidamente em Veloso um gesto de saudação. Mas um contacto de deusa, proibido aos homens, embora não percebido, tem sempre consequências imprevisíveis. (Pepetela,2016, p.163)

Por asar, vendo Veleso a sua pretendida inalcançável, redireciona as suas intenções para outra mulher:

O espírito Velôje, de repente, mudou de atitude. Se abraçou à mulher que caminhava a seu lado, tentou abraçar a da frente. Os da terra riram, esse cazumbi é malandro, parece gosta de mulher. (Pepetela,2016, pp.163-164)

Me aparece de longe o gesto lindo
Da branca Tétis, única, despida.
Como doudo corri de longe, abrindo
Os braços pera aquela que era vida
Deste corpo, e começo os olhos belos

A lhe beijar, as faces e os cabelos

Em Camões, a tentativa de relação sexual se desenvolve inicialmente numa maré de cumplicidade aparente. Tal aparência, na verdade, resulta de uma estratégia por parte da mulher:

Oh que não sei de nojo como o conte!
Que, crendo ter nos braços quem amava,
Abraçado me achei cum duro monte
De áspero mato e de espessura brava.
Estando cum penedo fronte a fronte,
Qu'eu pelo rosto angélico apertava,
Não fiquei homem, não; mas mudo e quedo
E, junto dum penedo, outro penedo
(Camões, pp. 96-97)

Em Pepetela, a mulher teve de ser socorrida pelo marido:

Até que ele conseguiu derrubar uma e caiu por cima dela, e começou violentamente a afastar os panos de ráfia e ela gritou, já sem rir.
O marido puxou pelo espírito e tirou-o rudemente de cima da mulher.
(Pepetela,2016, p.164)

A reação do navegador português foi naturalmente violenta esboçando um gesto de ataque com uma espada; entretanto, por inferioridade numérica, viu as suas ações limitadas e foi obrigado a correr dali, não evitando a perseguição dos nativos:

O espírito não gostou e puxou por uma faca grande que tinha presa na cintura, uma faca grande, muito grande, olhos arregalados, demente. Os da terra compreenderam então, esse espírito tinha perdido a cabeça e era perigoso. Lhe rodearam, lhe mostraram os porrinhos que traziam e as azagaias, em ameaça. Então o espírito pareceu cair em si e correu para os seus, na praia. Os da terra, no entanto, açulados pelas mulheres agora indignadas, correram atrás dele. (Pepetela,2016, p.164)

Chega-se a um ponto do conto de Pepetela em que, apesar de as imagens evocarem algum humor, resultante da intervenção quase que secreta da mulher, que, em meio à confusão, continua a procurar despertar paixões ao homem estrangeiro, em que simbolicamente se prediz o futuro colonial. Assim, ao servir-se de *Tetis*, uma imagem mítica ocidental, para representar uma nativa, Pepetela pode estar a referir-se aos efeitos da colonização que transformou sobremaneira a composição antropológica do homem africano.

Tétis escapou do gigante mas mandou recado, serei tua mais tarde. O colosso acalmou. (Pepetela, 2016, p.164).

O episódio termina de forma fatídica com uma luta desproporcional por força das armas trazidas pelos ocidentais em que dois nativos são feridos por armas movidas à pólvora, sendo que um dos quais termina morto:

Os da terra corriam atrás dele e os seus companheiros no batel e num outro que saiu de outro pássaro, apontaram às caras uns paus que cuspiam fogo e dois da terra caíram feridos. Os companheiros pegaram neles e abandonaram os espíritos nos dongos, voltaram para o kimbo, onde Manikava talvez pudesse curar os feridos daquela inesperada doença trazida pelos paus que cuspiam fogo e faziam estrondo. Apesar dos esforços de Manikava, um dos feridos morreu no dia seguinte. Eu bem dizia, cuidado, muito cuidado, ralhou Manikava. (Pepetela, 2016, p.164).

Em virtude de tudo o que foi dito a respeito de *Estranhos Pássaros de Asas Abertas*, ao trabalhar-se com o conto por via da Didática da Ponte, cujo objetivo é introduzir aos estudantes uma ampla cultura geral, por via do conhecimento da história da humanidade, explicando a relação entre os povos, o estudante deverá visitar a História de Angola, desde a pré-colonial até a independência; conhecer o clássico da Literatura Portuguesa *Os Lusíadas* para, por via da Literatura Comparada, procurar os pontos de intercepções entre as obras na sua relação dialógica.

Numa aula, usando a Didática da Ponte como método de ensino para se estudar *Estranhos Pássaros de Asas Abertas*, ao se convocar *Os Lusíadas* de Camões para a mesma aula, o estudante entra em contato com um vasto conhecimento, uma ampla cultura geral que parte da Teoria da Literatura, História Universal, relações internacionais, biografia dos autores etc.

Quadro 1: Quadro resumo

Teoria da Literatura	História, política e relações internacionais	Autores de diferentes latitudes
Intertextualidade	A História Pré-Colonial de Angola e as Grandes Navegações começadas no século XV, 1415, quando os portugueses, durante o reinado de d. João I, conquistaram Ceuta, no norte do continente africano.	Pepetela (angolano)
Literatura Comparada	Os encontros entre as diferentes civilizações	Luís Vaz de Camões (português)
Clássico	Contexto de elaboração do intertexto	Aristóteles (grego)
Conto	Contexto de elaboração da paródia	Mikhail Mikhailovich Bakhtin (Russo)
Epopeia	Relacionamento entre os povos no presente	Julia Kristeva (búlgara)
Noção de prosa, Teoria da Prosa	Historiografia Literária	Aguiar e Silva (português) Carlos Reis (português)

animista		Jorge Macedo (angolano)
Verso, prosa versificada...	Historiografia Literária	Aguiar e Silva (português) Carlos Reis (português) Jorge Macedo (angolano)

Fonte: Elaboração própria

Conclusão

As sociedades contemporâneas são mestiças e o ser humano, na sua particularidade, é um ser universal. Portanto, um ensino que se concretize por via da teoria da ponte seria uma mais-valia para a vida do estudante, pois, a Didática da Ponte integra, evita o preconceito, valoriza as culturas locais, seleciona o que há de importante em outros lugares para compreender globalmente o que está dentro, pois, indiscriminadamente, tudo está relacionado com tudo.

A Didática da Poente, como método de ensino, proporciona uma aprendizagem diversificada. É uma técnica em que quer o professor quer o estudante se potenciam permanentemente, porque o processo de busca será constante e o ensino da Literatura se mostrará mais útil, combatendo preconceitos, radicalismos e complexos de inferioridade. Quem aprende uma Literatura Estrangeira, por via dessa corrente, consegue encontrar a importância desta para compreensão da cultura mundial e, ao se estabelecer comparação com um autor local, reforça o conhecimento da sua própria cultura.

A nossa pesquisa está longe de estar terminada. Embora tenhamos postulado alguns conceitos e teorias nesta dissertação, ela só será conclusa no doutoramento, sobretudo, a parte que tem que ver com a Didática da Ponte que agora, tendo uma base teórica mais sólida, será aplicada na disciplina de Literatura Portuguesa do curso de Ensino de Português e das Línguas Nacionais da Universidade Piaget.

Referências

Benjamin, W. (1994). *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Brasiliense.

Culler, J. (1999). *Teoria da Literatura: uma introdução*. Trad. Sandra Vasconcelos São Paulo: Beca Produções Culturais, LTDA.

Freire, P. (1987). *Pedagogia do oprimido* (17ªed.). Rio de Janeiro: Paz e Terra.

Garuba, H. (2012). Explorações no realismo animista: notas sobre a leitura e a escrita da literatura, cultura e sociedade africana. Trad. E.S. Tarouco. *Nonada Letras em Revista*. Nº 19, ano 15, pp. 235-256.

Silva, V.M. (1983). *Teoria da Literatura*. 5.ed. Coimbra: Livraria Almedina.

Simbad, H. (2021,08/26). *Como e por quê ensinar Literatura Portuguesa?* Jornal de Angola. <https://www.jornaldeangola.ao/ao/noticias/como-e-por-que-ensinar-literatura-portuguesa>.

Samoyault, T. (2008). *A Intertextualidade*. Trad. Nitri, Sandra. São Paulo: Aderaldo & Rothschild.

Camões, L. (s.d). *Os Lusíadas*. Universidade da Amazônia: NEAD – Núcleo de Educação a Distância.

Pepetela (2016). *Estranhos Pássaros de Asas Abertas*. In M.G. Reis & A. Quino (Org.), *Pássaros de Asas Abertas – Antologia de Contos Angolanos*. Ricardo Neves Produção, Lda. – A.23 Edições.

Zilberman, R. (2012). *Teoria da literatura I*. 2.ed. Curitiba: IESDE Brasil.

Recebido em: 12/04/2024

Aceito em: 24/07/2024



Para citar este texto (ABNT): SIMBAD ANDRE, Hélder Silvestre. Didática da ponte como refrigério para o ensino pós-colonial: Camões e Pepetela nas salas de aula de Angola. *Njinga & Sepé: Revista Internacional de Culturas, Línguas Africanas e Brasileiras*. São Francisco do Conde (BA), vol.4, nº 2, p.28-46, 2024.

Para citar este texto (APA): Simbad André, Hélder Silvestre (ago.2024). Didática da ponte como refrigério para o ensino pós-colonial: camões e Pepetela nas salas de aula de Angola. *Njinga & Sepé: Revista Internacional de Culturas, Línguas Africanas e Brasileiras*. São Francisco do Conde (BA), 4 (2): 28-46.